

Veículo: *Carteira Nacional*

Data: *14/4/95*

Página: *7*

Coluna/Caderno: *Carteira do Rio/2º ano*

MUSEU
DA REPÚBLICA
Palácio do Catete - Rio de Janeiro
MINISTÉRIO DA CULTURA

A preservação histórica da nação Xavante

ro, CD, documentário e exposição no Museu da República formam o registro inédito desta tribo indígena, contatada há 50 anos

Mônica Riani

Sereburã já passou dos 70 anos. Mesmo assim, enfrentou com valentia 36 de viagem de ônibus, de Grosso até o Rio, no início de 1994. Ontem, no Museu da República, de chinelos, calça e camiseta, com simpatia estampada no peito, escondia o cansaço e a idade de ancião, figura resida que é na sua nação Xavante. Sereburã faz parte do wãparlamentu Xavante, que as decisões da tribo indígenas dos dias, reunindo os homens adultos, ao nascer e ao pôr-do-sol.

ram os velhos como Sereburã decidiram no início da década de 90, registrar as tradições da tribo, que viveu longe da cidade até quase a metade do século. Em Mato Grosso, busca apoio do Núcleo de Cultura Indígena, de São Paulo, registrado, em 94, no CD *Etenhimpã*. Os cantos da tradição xavante e as mesmas tradições que a tribo de hoje cobre de cultura indígena o Museu da República. A abertura do evento *Xavante 50 anos de contato*.

Mostra fotográfica sobre a história da tribo, lançamentos do documentário *A'uwê Uptabi - Povo verdadeiro* e do livro *Wamrême Za'ra - Nossa palavra: mito e história do povo xavante*, da editora Senac e apresentações de danças ritualísticas com vinte Xavantes guerreiros darão ao carioca uma lição das tradições indígenas. "Eles têm total controle de sua cultura. Os direitos autorais vão para a comunidade", explica Ângela M. Pappiani, do Núcleo de Cultura Indígena.

Junto com Cristina Simões Flória, ela fez a curadoria da mostra fotográfica e o livro, ilustrado por fotos e desenhos. "Mas não conseguimos nenhum patrocínio. Tivemos aprovação da Lei Rouanet para captar recursos, mas nenhuma empresa quis identificar sua imagem aos índios. Recebemos sucessivas recusas", diz Ângela, que há 15 anos está ligada aos Xavantes. O maior apoio obtido pela tribo veio das instituições inglesas Gaia Foundation, Earth Love Fund e Network for Social Fund, que financiaram as dez viagens necessárias para a produção do livro, feito a partir de relatos dados pelos mais velhos aos mais jovens e

de todo o acompanhamento da vida indígena. No Brasil, o apoio veio da Editora Senac de São Paulo, da Isari Criação e Produção e do Museu da República, que está recebendo o evento. "Se fôssemos considerar todos apoios estaríamos perto de uma cifra de R\$ 120 mil", diz Ângela.

O fato é que o evento, bem como o livro e o filme, saíram do papel. O mote para ele foi o contato dos Xavantes com o branco, em 1948. Seis anos depois, resultou no encontro, no mesmo Palácio do Catete. O encontro no Palácio do Catete foi cercado de expectativa. Naquele janeiro de 1954 (sete meses antes do presidente se suicidar), era o momento de selar a aproximação, considerada definitiva, que se dera em 1948, fruto do plano de ocupação do Centro-Oeste do governo de Getúlio. Os índios guerreiros aceitaram, finalmente, o contato com o branco e o inspetor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) - Francisco Meireles entrou na aldeia, numa demonstração de sucesso do processo de "pacificação", tendo como pano de fundo, a expansão agropecuária. Antes dele, em 1941, a primeira

tentativa de aproximação do SPI resultou na morte do coronel Pimentel Barbosa e de seus cinco auxiliares no território Xavante. Entre as tradições indígenas que serão conhecidas no Museu da República - retratadas no livro, no documentário e nas apresentações - estão a cerimônia da Furação de Orelha. Ela marca a entrada na fase adulta dos homens que, no início da puberdade, passam cinco anos reclusos numa casa aprendendo a história da tribo pela tradição oral, já que não há escritos registrando a cultura do povo. Ao furarem as orelhas, voltam a conviver com suas famílias e passam a ter um padrinho. "Queremos dar a informação que o antropólogo não dá, falar de fato sobre a nossa cultura", afirma Paulo Supretaprá Xavante, de 38 anos, um dos líderes da tribo, que conta com 9 mil índios divididos em 55 aldeias na reserva Rio das Mortes, no Mato Grosso. As apresentações dos Xavantes podem ser vistas até domingo no Museu da República e o ingresso custa R\$ 10, com reversão da arrecadação para a tribo. "Será apresentada a cerimônia da cura, respeitando todos os preceitos que orientam o ritual.

Eles irão pintar o corpo na frente do público, realizando a cerimônia como se estivessem na aldeia. É importante dizer que tudo será feito sem o caráter de espetáculo", ressalta Ângela. O livro e o CD podem ser encontrados

na Livraria da Travessa. Mais informações sobre os produtos no Núcleo de Cultura Indígena, em São Paulo - (011) 813-1754. A partir de domingo, serão exibidos na Sala Multimídia do museu filmes sobre os Xavantes.



Ilustração do livro que demonstra a cerimônia da Furação de Orelha, que marca a entrada do homem na fase adulta após cinco anos de aprendizado sobre as tradições Xavantes



Ilustração mostra índios colhendo entrecasca da árvore de palma para fazer adornos



O índio, que ilustra a capa do CD, aparece paramentado para uma cerimônia